

## 32° Encontro Anual da Anpocs

### GT 14 – Desigualdades: produção e reprodução

A trajetória profissional de negros de camadas médias cariocas:  
um estudo de casos

Guilherme Nogueira de Souza

Este artigo traz as informações obtidas no campo a respeito do tema família, educação e trajetória profissional. O projeto que deu origem a este artigo foi inicialmente pensado para investigar as elaborações identitárias de homens e mulheres negros de camadas médias cariocas. No entanto, com o desenvolvimento da pesquisa, a temática da trajetória profissional e da formação educacional tornou-se volumosa e, tendo em vista os limites do projeto anterior, este conjunto de informações acabou por ser subutilizado. O que tento neste artigo é saldar uma dívida com a pesquisa e trazer a tona uma discussão frutífera a respeito dos indivíduos que compoem esse grupo e os caminhos trilhados para ascenderem socialmente.

Neste artigo optei por dar maior relevância ao material etnográfico e menos relevância às discussões teóricas sobre mobilidade, reprodução ou estratificação no Brasil. Também não estão presentes dados quantitativos tendo em vista o interesse em demonstrar as recorrências e, ao mesmo tempo, as particularidades das trajetórias individuais.

Por fim, no que se segue, estão presentes entrevistas de 8 (oito) informantes, todos com idade superior a 50 anos e formação superior.

## 1 – Família e educação: o projeto dos pais

Jonatas – 58 anos, contador e professor universitário, morador de Vila da Penha –, ao ser indagado a respeito do papel dos seus pais, trabalhadores pouco qualificados, no fato de seis dos oito irmãos terem concluído o ensino superior afirma:

“Meu pai eu tenho como meu ídolo, até em função... Ele nasceu em Santa Maria Madalena e lá a família dele era de mini-fazendeiros e ele largou tudo e migrou

para o Rio com o intuito de dar uma condição de vida melhor [...] Ele foi um visionário, ele migrou. Deu sorte também porque ele foi para Universidade Rural. No berço da cultura, não teria outra maneira de orientar os filhos de que tinha que estudar.

O pai de Jonatas era funcionário público lotado na atual Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e trabalhava como agricultor na universidade. Jonatas, assim como seus oito irmãos, estudou toda a vida dentro desta universidade, também nela conclui o curso de contabilidade. Na trajetória de Jonatas, que na verdade é a trajetória de uma família, chama a atenção o fato de, nas palavras do mesmo, quase todos os irmãos terem alcançado formação superior. Entretanto, apenas ele cursou universidade pública, os demais obtiveram formação em instituições privadas e atuam na área de educação. Em relação aos dois únicos que não tiveram essa inserção, o entrevistado comenta que um é excepcional e o outro não possui o ensino superior, mas foi jogador de futebol profissional.

Nas palavras de Jonatas, o pai é sempre a figura de referência, pouco ele fala a respeito da mãe. Entretanto, apesar desta nunca ter trabalhado fora, parece que era ela a administradora dos recursos da casa e que isso deixou marcas na forma como ele hoje adulto e pai de família lida com os recursos financeiros:

“Minha mãe nunca trabalhou, meu pai sempre trabalhou. Eu me lembro que as vezes que eu precisei de dinheiro, eu nunca pedi ao meu pai. E hoje com a educação doméstica que ela me deu, praticamente quem gerencia a minha casa é minha esposa. Até porque a mulher, normalmente, é mais racional, o homem é emotivo.”

Eduardo – 50 anos, economista, consultor e professor universitário, morador de Jacarepaguá – parece ter nos pais o mesmo referencial. Diferentemente do caso de Jonatas, ele nasceu em uma família de classe média baixa, segunda suas palavras. Seu pai era militar de carreira, tendo se aposentado como primeiro Tenente da Aeronáutica.

Nascido no interior de Minas, filho de uma viúva e membro de uma família de cinco irmãos, o pai de Eduardo estudou em colégio interno no qual aprendeu música. Neste colégio ele concluiu o antigo primário e chegou à primeira série do ginásio, “o que para a época era um avanço” – segundo Eduardo.

Nas palavras do entrevistado, o investimento na educação dos filhos era concebido pelo pai como uma herança tendo em vista que ele não teria mais nada a deixar para a família. Essa é por certo uma referência presente em mais de uma entrevista, a educação como herança. Na família de Eduardo, outra irmã possui formação superior e o outro irmão é militar de carreira. Apenas a irmã mais nova parece não se enquadrar dentro daquilo que o entrevistado define como tendo ascendido socialmente.

Quando indagado se o investimento na educação dele e dos irmãos era realmente um projeto familiar, Eduardo responde:

“Foi, do meu pai. Na realidade, eu costumo dizer que eu fui um pobre que tive currículo culto, ta? É raro, né? Porque meu pai por se militar e por gostar de música – e a gente sempre gostou de música lá em casa – eu sempre ia a concertos com meu pai. Projeto Aquarius, meu pai ia tocar e eu tava sempre acompanhando. E sempre, desde pequeno, eu ia ao cinema, minha mãe me levava. Mamãe contava histórias para a gente.”

A mãe de Eduardo era empregada doméstica e começou a trabalhar aos oito anos de idade como babá no interior de Minas Gerais. E, como o mesmo relata, ela aprendeu a falar francês e árabe trabalhando como empregada doméstica:

“Minha mãe era autodidata, escrevia bem. A lógica da minha mãe escrever era perfeita, ela errava na grafia, trocava o Z pelo F às vezes. Mas agora, se você falasse com minha mãe, pensava que ela era formada em Letras porque sempre leu muito. Talvez eu tenha adquirido essa veia dele. Eu e meus irmãos.”

Apesar de ora se identificar como “pobres”, Eduardo argumenta que na verdade a sua família era de classe média baixa. Durante boa parte da sua infância, a sua família foi uma das poucas a possuírem televisão nas redondezas de onde morava, Guadalupe:

“Na realidade, eu fui um pobre meio metido à besta, no sentido de... Porque eu morava num bairro que só três pessoas tinham televisão, uma era minha família. Então, as pessoas do bairro, parte dos amigos da família, nos finais de semana, iam lá pra casa para assistir televisão. Dentro de um faixa de classe média ou média baixa a gente tinha um padrão dentro daquela sociedade de subúrbio.

Jussara – 63 anos, funcionária pública aposentada, formada em Direito e moradora de Botafogo – possui uma história escolar curiosa. Nascida no Rio e criada em Anápolis, filha de um telegrafista muito bem relacionado no estado de Goiás, Jussara atribui o investimento em educação e projeto educacional de sua infância exclusivamente ao seu pai. Nas palavras dela, a preocupação com a sua formação e dos irmãos vinha do pai que mesmo após ter se separado de sua mãe e voltado para Goiás sempre se preocupou com essa questão.

“O que nós somos [ela e os irmãos] hoje é o meu pai. Meu pai sempre foi dinâmico. Sempre teve muito cuidado com a gente. Ele tinha muitos problemas com a mamãe, ele sempre dizia que se pode comer apenas pão. Ele que fazia pressão para que a gente estudasse. Pela minha mãe a gente teria virado empregada mesmo, ela não levava nem a gente na escola. Nós íamos sozinhos mesmo ela queria que a gente ficasse dentro de casa fazendo as tarefas domésticas, mas ele não... Ele a pressionava, mandava dinheiro.”

Como se tratavam de duas meninas e um menino, indaguei a Jussara se essa postura de sua mãe era exclusiva com ela e sua irmã ou se se estendia a seu irmão mais novo também. Segundo ela:

“Não, por ela nós não estudávamos mesmo. A gente só estudava porque morávamos em Anápolis. Quando eles se separaram mesmo meu irmão tinha doze anos, já tinha feito o primário. Viemos para o Rio e papai comprou esse apartamento porque ele não queria que ficássemos morando lá no subúrbio. E ele adora Botafogo. Sabe onde meu irmão estudava? Numa escola particular na Tijuca. Para ele não tinha esse negócio de escola pública não. Ele queria todo mundo com diploma na mão, ele pagava.

Os pais de Jussara se conheceram em Botafogo. A época, ele com apenas dezoito anos havia vindo sozinho anos antes do interior de Goiás para o Rio; era barbeiro e trabalhava no Leblon. A mãe de Jussara era empregada doméstica e morava no Irajá. Quando se conheceram, ela tinha vinte e seis anos de idade. Após o casamento e já grávida, o casal voltou para o interior de Goiás e lá permaneceu por alguns anos. Quando da separação, Jussara e os irmãos voltaram ao Rio com a mãe, para se instalarem na casa da avó materna que possuía várias propriedades dentro do mesmo terreno no subúrbio da cidade. O pai de Jussara comprou o apartamento em Botafogo – onde até hoje residem Jussara, sua filha e sua mãe – pois não lhe agradava a idéia de seus filhos ficarem morando no subúrbio.

Apesar dos investimentos, apenas Jussara cumpriu o projeto paterno de chegar ao ensino superior. Ela desistiu da vida monástica para estudar Direito na antiga Faculdade Nacional de Direito. Sua irmã veio muitos anos depois concluir o ensino superior na área de ciências da saúde e seu irmão se tornou artista plástico, tendo antes uma longa passagem por Londres ainda jovem, por volta dos vinte e um anos de idade. O desejo paterno de ter um filho médico nunca se cumpriu.

Jussara não foi a única entrevistada que relatou não ter apoio materno ao seu projeto de educação, ou melhor, não ter apoio para estudar. Wagner – jornalista, 47 anos e morador do Méier – também não atribui a mãe nenhuma participação mais relevante na sua formação. Não que ela não fosse presente, mas por sua trajetória pessoal ela não concebia que o filho pudesse alcançar um projeto de vida tão elevado. Ademais, para a

família de Wagner, os seus sonhos de carreira e formação pareciam deslocados ou inapropriados para um jovem negro, pobre e morador de Magalhães Bastos. A respeito das opiniões de sua mãe ele afirma:

“Minha mãe não acreditava que um negro, filho de pobres, poderia ir para a universidade. E isso corroborado pela família toda. Minha mãe achava que eu tinha que trabalhar, ir para a indústria como meu pai. Ela tinha essa mentalidade.”

Filho de um funcionário público lotado no DNER, Wagner teve uma infância pobre, porém provida de todas as coisas. Seu pai supria todas as necessidades da casa e não permitia que sua mãe trabalhasse fora. Era um homem conservador que acreditava que mulher não precisava de documentos:

“A história da minha mãe é engraçada porque meu pai era muito machista e não deixava minha mãe sair de casa a não ser para nos levar na escola, não usava calça comprida e não tinha documentação porque mulher não precisava. Ele tinha essa mentalidade. Quando chegava o final do mês ele recebia pagamento e não ia para casa. Mas por volta do dia 30 chegava uma caminhonete com tudo que você possa imaginar. Antigamente as coisas se vendiam em saco. Era saco de arroz e todos os outros mantimentos. Amarrado de carne-seca, lingüiça...”

Entretanto, por conta de uma doença, o pai de Wagner se viu afastado do trabalho e passou a investir noutros afazeres. Acabou partindo para a realização de trabalhos como eletricitista, trabalhos estes nos quais ele levava o filho para que carregasse a maleta de ferramentas por conta de impossibilidade de fazê-lo por conta da progressão da enfermidade.

Apesar do desejo de cursar jornalismo e diante da morte prematura do pai e das limitações que disso advieram, Wagner ingressa na escola técnica para estudar eletro-eletrônico. Quando de sua formatura e não tendo condições reais de entrar na universidade e nem apoio familiar para isso, Wagner consegue seu primeiro emprego

como técnico numa grande multinacional que estava se instalando na cidade. O pai de Wagner morreu quando este tinha nove anos de idade.

Edna – 52 anos, professora e moradora da Tijuca – foi estudante de escola pública durante toda a vida. Filha de uma família de onze irmãos, sendo que três morreram quando jovens, seu pai era frentista em posto de gasolina e sua mãe costureira, trabalhava em casa. Segundo a mesma, os tempos eram difíceis para se estudar. Seus pais não possuíam casa própria e se movimentaram por diversos bairros da cidade, todos na periferia e nos subúrbios da Leopoldina. Ademais, tinham um número considerável de filhos.

“Eu fui trabalhar cedo, precisava ajudar a criar o resto dos meus irmãos. Eu sou abaixo da mais velha. Tinha que ajudar em casa, meu pai veio a morrer quando eu estava com vinte anos. Tivemos que largar tudo e começar a trabalhar porque ela [a mãe] sozinha com a costura não ia conseguir pagar o aluguel e as despesas da casa.”

Edna não se prende muito na influência dos seus pais na sua formação educacional. No entanto, atribui a formação no ensino Normal aos desejos de sua mãe de ter uma filha professora:

“Eu sou professora do básico. Mas nunca exerci a profissão. Trabalhei em outras coisas, trabalhei no IBGE, mas como professora eu nunca trabalhei. Fiz o antigo Normal. Formei em setenta e quatro. Eu nunca quis atuar na área, fiz concurso, passei, mas não fui. Na hora de ver a escola eu desisti porque eu morava em Rocha Miranda e a escola ficava no Ponto Chic, eu nunca tinha ouvido falar desse lugar. Bem da verdade, eu fiz Normal por causa da minha mãe. Toda mãe tinha a frustração, queria ser professora e não podia, acabei fazendo por conta dela. [...] Eu estudei em escola pública, nunca estudei em escola particular. Tinha aquela camisa escrita EP – Escola Pública. Terminei a primeira fase, fiz todo o ginásio também em escola pública. Fiz o Normal no Carmela Dutra e terminei lá. Nunca estudei em colégio particular, as dificuldades eram muitas. Meu pai era assalariado, muitos filhos. A gente teve que lutar muito para sair dessa mesmice, porque é uma mesmice. A gente cansa de ver por aí que filhos de mãe pobre, pai pobre, tem que ser necessariamente pobre.”



Antonio – 54 anos, coronel da Polícia Militar, formado em Direito e casado com Edna – teve uma trajetória diferente da esposa. Criado na Pavuna, filho de uma enfermeira servidora pública e de um operário no setor de beneficiamento de café, sua família já se encontrava no segmento inferior das camadas médias. Com exceção dos seus primeiros anos escolares, estudou durante quase toda a vida em escola privada na qual possuía bolsa de estudos assim como seu único irmão. Fez Academia Militar e entrou na carreira.

Adilene – 60 anos, moradora de Jacarepaguá – é pedagoga e psicoterapeuta, tendo uma longa trajetória na administração pública, se refere aos pais com grande admiração. Filha de um eletricitista com uma empregada doméstica e costureira, moradora quando de criança do bairro de Inhaúma, ela atribui aos pais grande responsabilidade pelo o fato de ter chegado onde está hoje e por ter seguido social e politicamente os caminhos aos quais seguiu. Depois de uma longa digressão para demonstrar a centralidade da atuação paterna no que tange ao ‘orgulho de ser negra’, ela declara:

“E o que mais me enaltece em ter sido criada por esses dois – minha mãe analfabeta e meu pai semi-analfabeto – é esse entendimento político-ideológico que eles tinham para a época. Idéia muito profunda numa época que não se falava em racismo. Eu me lembro que algumas coisas que meu pai falava dentro da casa da minha avó por parte de mãe era um negócio absurdo. Porque todas trabalhando em casa da família, então a patroa era muito boazinha e dava as coisas. A minha mãe até ganhava, mas ela sabia o porquê da patroa estar dando aquilo para ela.”

Diferentemente dos outros entrevistados, Adilene não atribui aos pais somente a sua formação enquanto educação formal, ou melhor, não atribui aos pais necessariamente o seu lugar na pirâmide social hoje, algo que aparece em algumas entrevistas. Nas palavras dessa entrevistada seus pais foram fundamentais para quem ela é hoje enquanto ‘mulher negra’. Seus pais eram o que ela chama em diversos momentos da entrevista de ‘negros conscientes’, ‘uma família negra consciente de sua negritude’.

A história da família de Adilene parece se repetir junto a muitas outras. A família materna veio para a capital quando a mãe de Adilene ainda era criança. Sua família materna foi moradora do Sampaio e, posteriormente, se mudou para a Favela do Esqueleto. Segundo Adilene, sua avó foi uma das fundadoras da favela sendo posteriormente transferida para a Vila Kennedy onde ainda hoje reside boa parte da família.

Apesar de não se deter muito nos antecedentes familiares de seu pai, Adilene afirma a respeito dele:

“Minha mãe casa com um homem que brasileiro, alguém altamente aventureiro, que não teve medo... Uma pessoa ligada à marinha cargueira, chega um momento que ele resolve por lá ficar e ele vive vinte anos nos EUA, naturaliza-se americano. O outro lado eu conheço, quando ele no Brasil, tinha que voltar aos EUA porque ele não era cidadão brasileiro. Ai ele se renaturaliza-se brasileiro, ele morreu brasileiro. Eu devia ter uns doze anos quando surgiu esse problema dele ter que voltar.”

Apesar da construção, esses vinte anos morando fora do país foram anteriores ao casamento e nascimento de Adilene. Seu pai veio a falecer anos depois, ainda na adolescência da mesma. Se hoje estivesse vivo ele teria mais de noventa anos de idade. Esse longo período no qual o pai de Adilene morou nos EUA foi fundamental para a construção daquilo que ela chama de ‘uma família negra consciente de sua negritude’.

“Então, meu pai quando volta ao Brasil tinha essa consciência, ele vivenciou isso [segregação racial norte-americana], ele dizia pra gente. Eu não entendia muito bem isso. Quando eu resolvo partir para entender melhor essa questão da negritude, para ser também uma das lutadoras, meu pai já era falecido. Meu pai dizia: ‘do branco eu só quero o dinheiro’. [...] E foi também fazendo a cabeça da minha mãe, da questão de uma família negra consciente de sua negritude. E ai eu tive a felicidade, eu e meu irmão – já falecido – de termos essa educação.”

Para os pais de Adilene: “na minha casa, meu pai e minha mãe entendiam que a transformação social só se daria se a gente fosse para a escola. Poderia não ter dinheiro para nada mas para a escola tinha.” Assim como o pai de Eduardo, percebe-se que a valorização da educação é uma recorrente nas falas dos entrevistados. Acredita-se na capacidade propulsora da mesma. Sobre a forma como sua mãe os fazia estudar, Adilene declara:

“Minha história é cheia de altos e baixos e mesmo sabendo que não tinha sapato para ir à escola minha mãe fazia questão que a gente fosse. Minha mãe nos colocava sentados ao lado do tanque no lado de fora, aqui tinha uma mesinha feita pelo meu pai e ela falava pra gente ‘pode sentar e escrever uma redação para mim’... Todos os dias. ‘Agora lê.’ A gente lia, fosse eu ou fosse meu irmão. Ela não sabia ler, não assinava o nome mas tinha um ótimo ouvido. Talvez porque ela tenha trabalhado ao longo de muito tempo ao lado de pessoas que tinham um bom português. Ela não permitia que a gente cometesse erros. Quem não conhecia minha mãe achava que ela tinha ao menos um bom primário daquela época.”

Quando criança, Adilene e o irmão só tinham um par de sapatos para usar no colégio. A mãe pedia a diretora para que os colocasse em turnos diferentes de modo que um pudesse passar o calçado para o outro quando estivesse saindo do colégio. Uma história simples mas que demonstra a fragilidade financeira desse período na vida da entrevistada.

Este não é o único caso no qual os ‘fundamentos’ da identidade racial são projetados na família. Na verdade, em muitos relatos isso aparece como forma de demonstrar o papel dos pais na formação dos filhos. O caso de Adilene é exemplar no sentido de demonstrar de maneira contundente como ela interpreta a própria história e a participação dos pais naquilo que ela é hoje. Na verdade, o que a história dela revela é que os pais podem ser matrizes de uma determinada concepção de identidade negra. Ou, que a experiência passada pode ser reconstruída em função dos fatos e posicionamentos do presente. As possibilidades não são excludentes. Entretanto, o que interessa é perceber

que na elaboração presente, o passado tem esse sentido e os pais são pensados como sendo a fonte de uma determinada concepção e prática identitária.

O conceito de ‘consciente’ presente no texto é algo que chama atenção. Essa referência aparece em outros momentos da entrevista e carrega um valor político. Pelo contexto, consciente seria aquele negro que tem clareza dos processos de construção das relações raciais e se posiciona nesse cenário, segundo os critérios e concepções da entrevistada. Uma família negra consciente de sua situação seria uma na qual esse senso de pertencimento estaria presente.

Essa elaboração é única dentre o material da pesquisa. Mais de um entrevistado fez referência a participação dos seus pais na formação de seu posicionamento diante da ‘questão racial’. No entanto, frequentemente essas referências estão associadas a um projeto vago de educação como mecanismo profilático de combate a discriminação ou subalternidade. Nas palavras do pai de Eduardo: “Vocês precisam de educação para que ninguém pise na cabeça de vocês. Para que não sejam o ‘negro coitadinho’.” Apesar da referência constante a educação e a associação entre essa questão e as práticas familiares, não parece haver nesta elaboração um projeto claro de inserção de classe e sim um reconhecimento da educação como forma de não ser frágil diante das circunstâncias. Mesmo que não tenha havido nesse posicionamento um intuito claro de lançar os filhos rumo à ascensão social, ao valorizarem a educação formal e informal, os pais criaram as condições necessárias para que seus filhos alcançassem determinadas posições na pirâmide social.

Como se pode perceber, esse investimento na formação educacional pode ter sido dado de forma direta ou indireta, através do investimento em educação formal ou através do investimento em cultura, através do exemplo particular ou através do encorajamento. De todas as formas, está na família a raiz que norteia todas as narrativas a respeito da

inserção profissional atual e, na maioria dos casos, da experiência de mobilidade social e inserção nos segmentos superiores das camadas médias cariocas

Ademais, como já demonstrado anteriormente, uma parcela dos entrevistados alega já ter nascido em famílias de camadas médias, no entanto, em todos os casos, os mesmos reconhecem ter ascendido em relação aos seus pais. E terem expectativas significativamente positivas em relação aos seus filhos no caso daqueles que os possuem.

## 2 – Formação educacional e inserção no mercado

Wagner começou a trabalhar quando ainda era menor de idade e estava em fase de término do ensino técnico. Conseguiu seu primeiro emprego como técnico em instalação por sua habilidade ler plantas, algo que, nas suas palavras, nem os trabalhadores mais experientes haviam desenvolvido. Por essa época e antes de completar dezoito anos surgiu a oportunidade de mais que dobrar seu salário caso aceitasse a indicação para um novo trabalho: a construção da hidroelétrica Tucuruí-Marabá. Passou um ano na região norte do país e retornou por conta do serviço militar. No entanto, ficar dentro das Forças Armadas naquele momento não o agradava:

“Durante o ensino médio eu fui do movimento estudantil e eu tive os primeiros contatos com o jornalismo, naquele jornal a gente malhava todo mundo, malhava o diretor... E aos quinze anos eu fui detido durante uma manifestação na fábrica Bangu. Era greve e começaram a arregimentar um monte de gente para apoiar o PCB, o pessoal do MR8... E meu grupo foi... Marcamos todo mundo ali para fazer o piquete para não deixar ninguém entrar ou sair. Eu só vi quando eu apanhei, não me dei conta de quem era. Fiquei com ódio de militar. Sem contar as pessoas que sumiam, que eram torturadas...”

Tendo sido considerado excesso de contingente, Wagner segue para Santa Catarina para visitar um amigo que havia conhecido durante a estadia no norte do país. O

que seria uma visita rápida tornou-se uma permanência por longos anos. Wagner chega a Florianópolis na época do vestibular da UFSC, presta vestibular para jornalismo e passa.

“Quando eu entrei na universidade a única coisa que eu queria era ser ‘trotado’ mas eu não fui. Não conseguia saber o porquê. Vim saber disso depois. Os únicos negros da universidade eram africanos, não tinham negros brasileiros, você tinha um ou outro professor mas era difícil. Eles tinham medo dos africanos, logo eu também era africano. Passei um ano sendo tratado como africano. Depois de um ano consegui o alojamento e fui morar com os africanos, que odiavam os brasileiros. Eu não tinha dinheiro, minha mãe mandava por volta de vinte reais para passar o mês inteiro. Então eu fui prestar serviços para os africanos.”

Esse episódio parece fundamental na biografia de Wagner. Como ele mesmo afirmará adiante, a sensação de deslocamento provocado neste período foi intenso. O único lugar social que existia para ele dentro da universidade era de estudante intercambista vindo de África. E isso corroborado até mesmo pela instituição que o colocou no mesmo módulo que os ‘demais’ estudantes africanos como os estudantes em geral supunham que ele fosse.

Mais adiante na entrevista, Wagner declara com pesar esses dias, especialmente pela confusa relação com os africanos. Para conseguir se manter e concluir a universidade, Wagner passou a assumir as tarefas dos demais companheiros de quarto. Tarefas essas que iam da limpeza do módulo a trabalhos para a universidade. Ao que tudo indica esse foi um período conturbado na vida do entrevistado, falando dessa época afirma: “minha vida foi sempre estudar e por muitas vezes eu tive vontade de desistir”.

O fato de terem descoberto sua verdadeira origem não poupou Wagner de relatar uma sensação de deslocamento diante das expectativas a respeito dele:

“Quando o pessoal descobriu que eu não era africano, que eu era do Rio, as pessoas queriam que eu jogasse bola, sambasse... Então descobriram que eu não conseguia jogar bola, não conseguia sambar e muito menos cantar samba. Era um estereotipo terrível.”

Wagner correspondia a uma clara minoria no espaço da universidade e teve que negociar a todo tempo com as expectativas e representações dos seus colegas a seu respeito. Como ele mesmo afirma, a presença expressiva de negros em Santa Catarina se dá no interior, “muitos descendentes de quilombos”. No entanto, em Florianópolis, a representatividade é pequena e menor ainda no espaço da universidade pública. Esse período foi fundamental para que ele se debruçasse sobre a questão racial. Como afirma na entrevista, até esse momento ele nunca tinha pensado nessa questão. Foi no momento que se viu como minoria e inserido num sistema de classificação que não possui um lugar social que correspondesse à forma como ele se via é que a questão racial saltou aos seus olhos.

Wagner, anos depois de formado e enquanto ainda trabalhava como jornalista regularmente, afirma que encontrou “nos jornais um grupo fechado no qual você só podia tratar de violência porque era sobre o que eles achavam que você entendia, pobreza e questões raciais. Isso em todas as redações nas quais eu passei”.

Atualmente Wagner é diretor de uma fundação de ciência e tecnologia, escritor e faz trabalhos esporádicos como jornalista e escritor. Tendo feito uma segunda graduação na década de noventa, se especializou em literatura brasileira e é pesquisador da obra de Cruz e Souza, tendo publicado um grande número de livros a respeito do escritor simbolista negro.

Na sua trajetória profissional, passou por diversas instancias da administração pública na área de implantação de tecnologia, chegando a participar do Governo Federal. Por conta da sua inserção e do tipo de vestimenta usual nos altos escalões da administração pública, Eduardo declara:

“Como eu ando de palito e gravata as pessoas não sabiam se eu era pastor ou se eu era segurança. Essas eram as duas únicas duas possibilidades. Eu passei por lugares profissionalmente onde não tinham negros. Uma vez no Palácio do Planalto teve uma reunião na qual estávamos organizando Missão Amapá de combate a contrabando de urânio e encontrei uma mulher lá que falou poucas e boas sobre os negros na minha frente, dizendo que negros eram preguiçosos e tal... Falei com que não sabia se ela era míope ou se ela não estava me enxergando ou era completamente ignorante. Ela dava aula fora do Brasil. Criou um mal estar na mesa e fui obrigado a me levantar e fazer um discurso. Não toquei no nome da mulher mas tinha que falar sobre a questão racial. Sobre essa hipocrisia racial que nega o racismo mas...”

Jussara foi nascida em uma família de classe média e filha de um homem influente em Goiás. Essa influencia se fez presente quando do primeiro emprego da entrevistada tendo em vista que ela foi contratada pelo Banco de Goiás na sua sede no Rio por meio de uma carta de seu pai a direção da instituição. Apesar de ter sido contratada, Jussara comenta a respeito da experiência no banco:

“Eu passei meses indo para lá sem receber. Eles diziam que estavam tratando da documentação. Eu levava marmitta e tinha que pegar dinheiro com a mamãe para a passagem. Eu era a única mulher negra de lá. Na verdade, as mulheres lá só trabalhavam na recepção. Eram mulheres bonitas, muito bem arrumadas, brancas. Quase não haviam negros, e os que estavam lá eram da limpeza. Depois é que chegaram uns mulatos aqui do Rio mas eles sempre tentavam chegar ao cargo de gerente e nunca conseguiam. Também tinha um rapaz vindo de Goiás, era filho de um fazendeiro da região. Eu nunca soube o que ele fazia lá dentro.”

Os anos que passou trabalhando no banco parecem não ter sido dos mais fáceis para Jussara. Mais adiante, falando sobre o início de sua trajetória profissional, ela afirma a respeito deste momento inicial de sua carreira profissional:

“Naquele lugar eu fui muito discriminada. Eu ouvi mais de uma vez ‘dá pro gasto’. Eu ficava para morrer. Eu era datilógrafa, tinha estudado isso quando tinha doze anos. Mas não podia atender no balcão. Eu não tinha status de recepcionista. Recepcionista de banco há quarenta anos tinha que ser bonita, não precisava ter instrução. Apenas ser bonita. Mas eu era competente. Eu já tinha feito vestibular, já estava na faculdade. [...] Eles começaram a fazer pressão dentro do banco para



eu não progredir e a pressão deles era toda racial. Não admitiam uma mulher negra competente lá. Eu comecei como datilografa e passei cinco anos lá assim. Aquela carta de papai era de peso mesmo, eles não tinham como me mandar embora. Eu fui mandada embora porque não assinei o acordo do FGTS. Eu e várias pessoas, fomos todos mandados embora.”

Após a saída do emprego, Jussara passou um ano sem trabalhar, vivendo com o dinheiro que recebeu do emprego anterior. Trabalhou em corretora de valores por um curto período de tempo e depois entrou para o departamento de pessoal de um banco de investimentos. Segundo ela, foi neste lugar que teve mais uma experiência marcante:

“Me mandaram alisar o cabelo. Eu usava meu cabelo solto, quando entrava lá é que eu prendia. Da porta pra fora eu ia de sandália de pneu mas lá dentro eu tinha que usar salto alto e roupa social. Eu me transformava. Eu saía de calça jeans, sandália de pneu... Eu mudava tudo no banheiro. Eu ficava toda sofisticada para trabalhar. Fiquei três anos lá... Fui manda embora porque não queria alisar o cabelo. Queriam que usasse uma tal creme de alisamento. Ai a [chefe do departamento pessoal da empresa] que eu substituía quando saía de férias morrendo de que eu ficasse no lugar dela... Sendo que eles nunca iam me dar o cargo de chefe do Recursos Humanos. Eu nunca abri mão de ser negra.”

Depois de ter sido mandada embora do banco de investimentos por motivos que, segundo as palavras de Jussara, eram entrecortados por questões raciais, ela foi trabalhar numa empresa que prestava serviços ao poder público na área de recursos humanos.

“Eu fui trabalhar numa empresa aqui em Botafogo que estavam colocando pessoas para trabalhar lá dentro [INPS]. O governo pagava o dinheiro a firma e a firma pagava a eles. Ai se resolveu isso: o INPS abarcava todo mundo, a firma indenizava todos ao mandá-los embora. Ainda era celetista na época, nós éramos aqui da administração. Então nós fomos os últimos a sermos admitidos. No fim nós entramos. Só que eu fiz concurso depois, eu me legalizei. Todo mundo que trabalhava aqui está lá no Ministério até hoje. Houve uma portaria que os efetivou, mas eu não... Eu fiz o concurso como datilografa. [...]Ai eu entrei para o INAMPS sendo abarcada pela portaria... Aconteceu o seguinte: eu fiz um concurso para o INAMPS na vaga de advogada e estava esperando para saber o resultado. Eu fui a última a entrar pela portaria por causa disso. Eu não passei no concurso por um ponto porque eu esqueci a idade que poderia se candidatar a vaga de presidente. Todo mundo entrou em 01/01/75, todo mundo tem a mesma

data. Quando terminou tudo eu fui lá em 17/03... Quando começaram as brigas, resolveram mandar embora os últimos a entrar pela portaria e aí o concurso de datilógrafa foi a minha sorte.”

Depois da entrada no serviço público, Jussara permaneceu trabalhando na área de recursos humanos, apesar de sua entrada ter sido como datilógrafa. Atualmente ela está aposentada e com planos de voltar a advogar. Na verdade, durante todo o período que esteve como servidora pública ela também esteve trabalhando como advogada.

As palavras de Eduardo também são expressivas quanto ao início de sua carreira como economista. Tendo se formado na Universidade Gama Filho após uma trajetória pessoal na qual circulou em diferentes colégios da cidade, Eduardo enfrentou dificuldades para encontrar lugar no mercado de trabalho depois de formado. Diante das dificuldades envolvendo mercado, ele tentou uma vaga de estágio. Eis o relato dele a esse respeito:

“Olha só, eu acho o seguinte, quando você é um profissional liberal, quando você tem uma formação superior, dentro do ambiente empresarial, você como negro tem que provar que é muito bom pra tá ali. Não tô dizendo que eu sou muito bom, mas eu tive que superar... Vou te contar uma história. Eu quando era estagiário, quando eu era acadêmico, fui participar de um processo de seleção de uma corretora... Vou te contar duas histórias pra você entender. Eu tinha que fazer um estágio, aí eu fui indicado pelo CIEE pra fazer um estágio numa corretora da Mesbla, lá no Centro da Cidade, Mesbla é aquela loja de departamentos, enorme. Quando eu cheguei lá, o cara me olhou, eu notei, “Ah, mas você tem experiência?” Eu sempre fui muito objetivo no que eu faço, aí eu virei pra ele e falei assim... Um cara com aspecto de judeu, loiro de olhos claros, que era o diretor ou o gerente, não sei. Aí virei pra ele e disse assim, “Seu Fulano, se eu tivesse experiência eu não tava aqui como estagiário, não tava me sujeitando a ser estagiário. O Senhor quer estagiário com experiência? Desculpe, mas eu nunca vi isso.” “Ah não é que eu precisava com experiência de mercado, e tal.” “Mercado, experiência de mercado? De curso, tenho uma pós-graduação em mercado financeiro, em mercado de capitais, mercado de ações” “Ah, mas eu precisava de alguém...” Eu senti que, porque eu era negro, tá? Tudo bem. Aí depois, fui chamado pra um outro processo.”

Por outro lado, quando foi convocado para outro processo de seleção, Eduardo afirma que a experiência foi distinta e que outras questões se interpuseram entre ele e o emprego:

“Depois mandei o meu currículo para o McDonald’s, fui chamado e muito bem atendido. Não fiquei no McDonald’s como trainee, porque fazia nessa época esse MBA na Fundação, e lá o processo é o seguinte, tem dias que você pega tarde noite, tem semanas que você pega manhã e tarde, e eu tinha curso regular na Fundação Getúlio Vargas. Aí, ela me orientou, “termina o curso, depois volta aqui, que a gente vai ter o maior interesse que você faça parte dos nossos quadros”. Aí eu falei, pô, feliz da vida eu saí de lá. E aí fui participar de um processo seletivo antes de casar, aí já tava casado, minto, voltando aqui, numa corretora, numa boa corretora do Instituto de Valores Imobiliários na época. Porque na época que eu me formei o bom era, ou trabalhar numa multinacional ou trabalhar numa corretora, ta? Aí lá eu participei do processo seletivo, que teve 30 candidatos para uma vaga, eu fui escolhido, ta? E a minha mãe dizia, que “você vai ser... você vai ser...” Ela não falava que você vai ser o cara, porque ela não falava gíria. Naquela época não existia isso. Ela falava “Meu filho eu tenho convicção, que você...”

Para Eduardo episódios como estes que ele relatou no início de sua carreira tendem a perder forças com o passar do tempo, à medida que o profissional for avançando na sua profissão. Para ele, este sujeito se torna mais “aceitável” a medida que vai se impondo e vencendo as barreiras que se apresentam ao seu desenvolvimento.

Diferentemente de alguns entrevistados, Jonatas e Antonio não reconhecem na sua trajetória profissional nenhum episódio no qual ser negro tenha lhe gerado alguma desvantagem. Jonatas faz uma única consideração a esse respeito ao longo de toda a entrevista:

“Eu fui um pessoa muito bem sucedida, fui porque eu estou pagando, né? Eu sempre, na minha área, eu escolhi meus trabalhos. Eu nunca pedi aumento ao patrão. Então, sempre eu me fiz impor pela minha capacidade. Eu acredito até que tenha tido, não de minha parte, outras pessoas, a minha posição de negro. Por exemplo, eu fui gerente de banco, e em reuniões de banco eu tinha um ou dois

gerentes negros, então você sente, na realidade, que existe um preconceito, não posso fugir nunca disso. Mas eu ainda não senti pessoalmente.”

Falando sobre os valores que informam sua visão de mundo e a respeito daquilo que transmitiu a seus filhos, Jonatas alega que “você precisa se impor no setor que você está inserido e que você está desempenhando. Procurar ser o melhor, na hora que você é o melhor, as barreiras se rompem”.

Jonatas é professor universitário há mais de vinte e cinco anos e trabalhou como consultor na sua área de formação por mais de vinte anos. Teve sua própria empresa de consultoria até uns dois anos atrás. Durante esse período exercia também a função de contador de grandes empresas no Rio, dentre elas uma das maiores redes de supermercados da cidade. Especializado em organização e gestão de cooperativas, por seus cálculos, já auxiliou na organização de aproximadamente quarenta delas nos ramos de saúde, serviço e transporte. Também foi gerente de banco no início de sua carreira.

Assim como Jonatas, Antonio também não reconhece na sua trajetória nenhum episódio como os presentes nas falas de outros entrevistados. No entanto, ele explica que isso só foi possível por conta da existência da previsibilidade da estrutura militar.

“O que acontece é o seguinte: eu passo determinado tempo como tenente. Ele vai e eu vou. Eu passo determinado tempo como capitão, quando ele vai, eu vou também. Aí começa a escolha. Quando se trata dos oficiais superiores, que é o major, o coronel, aí começa... Porque até capitão toda a turma vai. Todo mundo tem que ir. Aí começam os pontos circunstâncias. [...]

Aí passa a operar o critério do merecimento. Até capitão o critério é antiguidade. Depois é que outros fatores interferem. Deixando bem claro também que o negro também pode ascender. Por exemplo, nós temos o coronel Brás, ele é primeiro colocado de turma. Todos os cursos que ele fez, ele se destacou como primeiro colocado de turma. O coronel Ubiratan, ele é primeiro colocado de turma, todos os cursos que ele fez foi primeiro colocado de turma. “Então, se ele está lá em cima, é mais do que merecido.”

No que se refere a sua trajetória particular, Antonio reconhece que a mesma foi isenta de episódios de marcação racial. Entretanto, sua esposa – Edna – não compartilha da mesma interpretação da biografia do marido. O diálogo abaixo demonstra essa discordância:

“[Antonio]: Eu... particularmente no meu caso, na minha condição de militar, existe pouca discriminação. Porque cumpri ou não cumpri a ordem é para ser cumprida, a ordem é para fazer isso. Então não tem como. A ordem serve para mim como serve para o meu companheiro que é branco que é índio. A discriminação a gente vê, por exemplo, na hora que tem que escolher alguém para determinada situação. Ai escolhem alguém bem apessoado, pele clara...”

[Edna]: Meu filho, por que você não conta a história de quando foi trabalhar na DAS, que você achou que lá? Aquela coisa que... Primeiro só são colocados lá quem tem QI alto, só entra lá quem é convidado. Ele foi convidado para trabalhar lá e ele achou que não permaneceu porque sentiu que houve... Ele achou que não permaneceu porque era o único negro que existia lá.

[Antonio]: Eu trabalhei três meses lá. Aconteciam coisas lá que eu não concordava. A DAS é comandada por um delegado. E a gente como militares, a gente fica numa situação abaixo deles. A casa é deles então a gente vai pra lá para trabalhar. Eu fui designado pelo comandante geral da época, eu não concordava porque quando você desvendava um caso as pessoas lá de dentro pareciam que eram os reis da cocada. No entanto, nos bastidores eu e mais três colegas maiores, nós é que fazíamos tudo. E no final das contas o delegado levava a vantagem. Eu achava que, como policiais militares também tinham que aparecer. Você não sabe mas na divisão anti-sequestro até pouco tempo atrás era cheio de PM's e isso dos seqüestros já tem bastante tempo... Ai os PM's passaram todo o conhecimento para os civis e agora eles estão fazendo sozinhos.

[Edna]: Então você acha que não houve discriminação racial?

[Antonio]: Não, não houve discriminação racial. Realmente eu era o único negro lá mas sempre fui respeitado e minha indisposição na época foi com o delegado. Eu sai de lá e voltei para a PM.”

Apesar de oficial da Polícia Militar, Antonio hoje trabalha na Secretaria de Segurança Pública do Rio. Exerce o cargo de diretor de uma instituição prisional. Sua esposa saiu do mercado de trabalho para administrar a casa e cuidar dos filhos.

### 3 – Considerações Finais

Neste artigo tentei demonstrar que a trajetória dos meus entrevistados está intimamente associada, na maioria dos casos, com a intenção dos seus pais de investirem na educação de seus filhos direta ou indiretamente. Há claramente uma associação entre investimento em educação formal e mobilidade, mesmo que essa construção de um projeto de vida para os filhos via formação educacional não fosse acionada a partir da idéia de superação de um estado socioeconômico por outro. A família é apresentada como a chave explicativa para o processo de ascensão pelo qual passou o sujeito e, mesmo nos casos nos quais ela não atuou como força em consonância com os projetos individuais de formação e qualificação, a ausência dessa atuação é justificada como parte de ausência de perspectiva quanto às possibilidades reais de concretização dos projetos de ascensão e superação da situação de classe na qual o sujeito e toda sua família estão inseridos.

No entanto, as entrevistas também demonstraram que em famílias com maior número de filhos, mesmo nas que haviam um projeto compartilhado de formação educacional para os filhos, isso não necessariamente significou o mesmo nível de mobilidade. Em verdade, os entrevistados frequentemente se apresentam como exceções dentro de um cenário no qual pressões de diferentes ordens se opunham ao projeto de formação e mobilidade social.

O papel da inserção no serviço público tanto por parte dos entrevistados quanto por parte de seus pais ainda é algo que precisa ser analisado mais detidamente. De igual modo, toda a temática da construção de caminhos pelos quais homens e mulheres negros romperam com uma distribuição tradicional de renda e status precisa ser detidamente analisado. O que este artigo se propôs, menos que apresentar conclusões, foi levantar

questões a respeito deste grupo duplamente minoritário, tanto em relação a composição racial das camadas médias cariocas quanto ao local da maioria da população preta e parda na distribuição de renda e formação educacional na estrutura social brasileira. Os percalços apontados pelos entrevistados, de igual maneira, servem para pensar qual o cenário possível para uma nova geração de negros que está seguindo rumo a ascensão social e quais são os desafios que se apresentam para os mesmos, nunca esquecendo que se trata de uma outra geração na qual um conjunto de possibilidades estruturais e mecanismos episódicos que se apresentam na contemporaneidade estavam ausentes.

#### 4 - Referências bibliográficas:

ANDERSON, Benedict.

Nação e Consciência Nacional

Rio de Janeiro: Ática, 1989.

AZEVEDO, Célia M. Marinho.

Entre o universalismo e o diferencialismo: uma reflexão sobre as políticas anti-racistas e seus paradoxos Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares, ano 2, n. 1, pp 85-94, 2000.

AZEVEDO, T de.

As elites de cor: um estudo sobre ascensão social.

São Paulo: Nacional, 1955.

BARTH, Frederick.

Ethnic Groups and boundaries: The Social Organization of Culture Difference

Boston: Little Brown & Co. 1969.

CALDEIRA, T.P.R.

A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia.

Novos estudos CEBRAP, n. 21, 1988.

FARIAS, Patrícia Silveira.

Pegando uma cor na praia.

Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de

Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2003.

FERNANDES, Florestan.

A integração do negro na sociedade de classes.

São Paulo: Dominus Editora/ Editora da Universidade de São Paulo, 1965.

FIGUEIREDO, Ângela.

Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira.

Caderno Pagu. n.º 23. Campinas: 2004.

Novas elites de cor: estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador

UCAM. Rio de Janeiro: 2002.

Maldita ou bendita classe média negra?

Revista Interseções. Ano 6. n.º1. Rio de Janeiro: 2004

FRASER, Nancy.

Redistribuição e Reconhecimento? Classe e Status na Sociedade Contemporânea.

Interseções – Revista de Estudos Interdisciplinares, ano 4, n.1, pp. 7-32, 2002.

FRY, Peter.

A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral.

Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

GARCIA, Vinicius Gaspar.



Questões de raça e gênero na desigualdade social brasileira recente.

Dissertação de Mestrado – Unicamp. Campinas, 2005.

GUERREIRO RAMOS, Alberto

Introdução crítica a sociologia brasileira.

Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

HALL, Stuart.

A identidade cultural na pós-modernidade.

Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HANCHARD, Michel George.

Orfeu e o Poder: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)

Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HERINGER, Rosana.

Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo da política pública no Brasil.

Rio de Janeiro: Cad. de Saúde Pública, nº 18, 2002.

HASENBALG, Carlos.

Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.

Belo Horizonte: UFMG, 2005

NEVES, Paulo César da C.

Luta anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição

Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 20, nº 59

ODOUGHERTY, Maureen.

Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo.

Revista Dados. Vol 41. nº2. Rio de Janeiro: 1998

ORTIZ, Renato .

Cultura Brasileira e Identidade Nacional.

São Paulo: BRASILIENSE, 1985.

PINTO, L.A. Costa.

O Negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança

Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

PRANDI, Reginaldo.

O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso

Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, pp. 51-66, 2004.

PRAXEDES, Rosângela Rosa.

Classe média negra no Brasil: negros em ascensão social

Revista Espaço Acadêmico, Ano II, n° 20. 2003.

As elites de cor

Revista Espaço Acadêmico, ano III, n° 24. 2003

MAGGIE, Yvonne e REZENDE, Claudia Barcellos (org).

Raça como retórica: a construção da diferença.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

RODRIGUES, José Albertino.

Durkheim

São Paulo: Ática, 1981.

RUFINO, J.

O negro como lugar.

In. Introdução crítica à sociologia brasileira. Guerreiro Ramos.

Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

SANSONE, Lívio.

Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção da cultura negra do Brasil. Edujba/ Pallas. Salvador: 2004.

SILVA, Antônio Ozaí da.

A representação do negro na política brasileira

Revista Espaço Acadêmico, n. 40, 09/2004.

SILVA, Joselina da.

O Clube dos Negros

Interseções – Revista de Estudos Interseções, ano 2, n.1, pp. 47-63, 2000.

A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50.

Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, n. 2, pp. 215-235, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (org).

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais

Petrópolis: Vozes, 2000.

SKIDMORE, Thomas E.

O Brasil visto de fora.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994

SOARES, Reinaldo da Silva.

Negros de classe média em São Paulo: estilo de vida e identidade negra.

Tese de Doutorado: FFLCH\ USP. São Paulo: 2004.

O cotidiano de uma escola de samba paulista: o caso do Vai-Vai.

Dissertação de Mestrado: FFLCH\ USP. São Paulo: 1999.

SODRÉ, Muniz.

Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil

Petrópolis: Vozes, 1999.

TEIXEIRA, Moema de Poli

Negros na universidade

Rio de Janeiro: Pallas, 2003

VELHO, Gilberto.

Individualismo e cultura

Rio de Janeiro: Zahar, 2004